

Paulo Teixeira Iumatti

Um viajante e suas leituras



Ao longo da vida, Caio Prado Júnior percorreu incessantemente o Brasil, buscando dados primários para alicerçar uma interpretação do país que levasse em conta a sua diversidade regional. As marcas dessa busca encontram-se não apenas em seus estudos históricos e geográficos, mas também nos documentos de seu acervo, que se acham sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) desde janeiro de 2002. São cerca de 30 mil documentos, contendo fotografias, manuscritos, cartas etc., bem como 16 mil livros e cerca de 650 mapas, que em grande parte revelam essa faceta ainda pouco explorada da trajetória do historiador.¹

Dentre os documentos que evidenciam essa característica do intelectual, destacam-se aqueles pertinentes a suas viagens a Minas Gerais. É o que se vê, particularmente, no levantamento fotográfico e relato manuscrito de algumas das excursões que realizou no começo dos anos 1940, particularmente a *Viagem a Ouro Preto*, de março de 1940, e a *Viagem a Diamantina*, de agosto de 1941. Perfazendo cerca de 150 folhas de material fotográfico e totalizando dois longos manuscritos que ocupam 84 páginas de um de seus cadernos de anotações, esse material inédito documenta a fase de elaboração da principal obra de Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942). Essa circunstância torna, dentre outros fatores, extremamente valiosos esses documentos, que se ligam não apenas à tentativa de apreender as características de uma região, mas ao percurso de formulação das generalizações presentes no livro.

Na *Viagem a Ouro Preto*, aceitando os pressupostos dos modernistas dos anos 1920 – a viagem seguinte, a Diamantina, seria feita em companhia do pintor e amigo Flávio de Carvalho –, Caio Prado Júnior escreveu que tivera o objetivo de presenciar a Semana Santa, a qual faria reviver a seus olhos “as mais antigas tradições do Brasil Colônia”. Percebe-se muito claramente o

quanto essa viagem foi importante para a preparação de *Formação do Brasil Contemporâneo*, já que as observações sobre a vida social colonial feitas no livro são muito próximas às do relato manuscrito. Todavia, as ressonâncias entre ambos extrapolam em muito esse aspecto enraizado no senso comum da época, já que, no próprio relato manuscrito, Caio Prado Júnior deixava claro que aquele objetivo fora largamente ultrapassado.

Com efeito, afirmou que ao longo da viagem tivera ocasião de atravessar de automóvel uma grande parte do Estado, diversificando ao máximo os itinerários de ida e volta. Apesar de ter percorrido cerca de mil quilômetros de território mineiro em pouco mais de uma semana, o viajante acreditava ter podido observar com “alguma atenção” os aspectos e a vida de um território que abrangeria “duas regiões bem caracterizadas”: a da mineração, que representava um “passado longínquo”, e que se estende pela faixa que vai de Lavras – ao sul –, até Ouro Preto; e o “chamado Sul de Minas”, que é a “Minas Gerais mais recente, a Minas da lavoura e da pecuária”.²

Já na *Viagem a Diamantina*, Caio Prado Júnior narra um percurso que se inicia na penetração de Minas pela sua principal porta – a via brasileira que tivera maior papel histórico, e que no século XX se transformara em nossa primeira estrada de rodagem: a União e Indústria. Chega por ela a Belo Horizonte, de onde adentra a parte central do Estado:

Além de BH, minha viagem consistiu num circuito que alcançou Diamantina ao norte, Guanhões a leste, voltando em seguida ao ponto de partida. Atravessei assim duas vezes, uma na ida, uma na volta, a lombada do Espinhaço. Realizei assim um corte na estrutura geográfica do centro mineiro, corte que ilustra muito bem a fisiografia de toda esta parte do Estado [...].³

A par de estabelecer um diálogo com os relatos de viajantes e naturalistas como Saint-Hilaire, Caio Prado Júnior aborda nessas viagens a Minas Gerais uma enorme multiplicidade de aspectos, atentando para as características geográficas do território; para os gêneros de vida das populações rurais e dos núcleos urbanos por que passa; para a economia e a sociedade, estudadas sob o ponto de vista de um diálogo entre passado e presente. Assim também anota permanências e transformações nos meios de transporte, nas técnicas produtivas, nos fluxos populacionais etc. Da mesma forma, os aspectos culturais foram destacados, abrangendo o consumo de jornais nas cidades, os intercâmbios com São Paulo e Rio de Janeiro, a descrição de festividades, entre outros. Uma passagem de *Viagem a Diamantina* nos ajuda a compreender o sentido específico dessa atenção especial, que resultou nos principais trabalhos de campo que Caio Prado Júnior realizou no momento em que preparava *Formação do Brasil Contemporâneo*:

Minas continua a me atrair. Ainda este ano escolhi-a para viajar. E voltarei, se as circunstâncias permitirem. A razão é simples: por qualquer lado que se aborde o estudo do Brasil, seja sua história, seja a geografia, em todos seus aspectos, nenhuma parte do território brasileiro reúne tanto assunto de interesse. Está-se aí no núcleo do país, não só geográfico, onde as grandes bacias hidrográficas e os sistemas montanhosos do país se articulam, mas ainda histórico, porque na fase mais importante da nossa formação, o século XVIII, ali, mais que em qualquer outra parte, se definirá a estrutura social, econômica e política do país. E isto sem contar a extrema variedade do território mineiro, onde se confundem os tipos mais extremos de culturas, níveis materiais, gêneros de vida.⁴

Um observador consciente?

Neste artigo, antes que descrever ou perscrutar exaustivamente esse material, vamos sugerir uma análise do percurso intelectual e da obra de Caio Prado Júnior, da qual selecionamos um aspecto específico a ser abordado: algumas características estilísticas de *Formação do Brasil Contemporâneo*, à luz da leitura de parte desse material inédito, particularmente a *Viagem a Ouro Preto*. Procuraremos, com isso, apontar um caminho para a exploração, sob novo ângulo, de alguns aspectos teóricos e metodológicos da obra do historiador.

Antes, porém, é preciso observar que a maneira particular com que Caio Prado Júnior encarava a possibilidade do conhecimento pode nos oferecer pistas sobre a relação que se estabelece entre seu “trabalho de campo” e sua obra. Vários depoimentos do livro *História e Ideal*⁵ realçam a importância da experiência concreta, o “contato primário e insubstituível da experiência pessoal”, assim como os instrumentos de geógrafo que empregava na sua interpretação da história brasileira, almejando estabelecer as relações entre o meio físico e a vida humana.

Isso fazia com que viajasse sistematicamente pelo Brasil, tendo como objetivo observar o gênero de vida e as condições de sobrevivência de cada lugar. Para tanto, não raro servia-se do diálogo direto com os habitantes⁶, pernoitando, sempre que possível, em suas casas. Caio Prado Júnior

[...] comprazia-se em descrever a paisagem, com os olhos de conhecedor. Pressente-se o homem viajado, que percorreu pessoalmente, desde muito jovem, cada uma das regiões do Brasil. [Dessa forma, também] coloria sua escrita com as observações pessoais dos viajantes, com os quais se identificava [...]. Infundia ao texto a vida da narrativa do visual e do tempo, colorida pelas citações das fontes e pelo ponto de referência da perspectiva pessoal do histo-

riador.⁷

Assim, o contato do historiador com seu objeto de pesquisa nunca era distante ou frio. Caio Prado Júnior buscava maneiras para melhor senti-lo, penetrá-lo, o que se revela, de forma clara, em seus manuscritos, em particular nos seus relatos de viagem. Aqui se coloca a questão dos limites até onde o historiador pode investir sua experiência pessoal, como sujeito que (nem sempre de forma consciente) transforma e reelabora em texto todo um conjunto de sensações, impressões e vivências. Essas parecem conferir um sentido qualitativo à análise, tornando-a “viva”, dando à interpretação da enorme massa de dados recolhida um tom que a libera de toda aridez. Todavia, sensações, impressões e vivências não são também marcadas por uma época, não surgem num determinado contexto, não têm uma historicidade que lhes é própria? Nesse sentido, cabe perguntar qual é exatamente o seu papel no discurso historiográfico de *Formação do Brasil Contemporâneo*.

Modos da escrita

Por acompanhar a diversidade da vida humana e a complexidade do inter-relacionamento entre seus múltiplos fatores, parece haver em *Formação do Brasil Contemporâneo* uma alternância entre diversas formas de escrever. Uma das mais características relaciona-se à maneira de descrever e interpretar as atividades econômicas em sua interação com as características geográficas de cada região⁸. A escrita vem carregada de informações, e nela, não raro, a compreensão do “modo de agir e pensar” dos agentes históricos torna menos árida a análise de dados, explicados em suas minúcias. Nessa descrição, por meio da ambiguidade no uso dos discursos indireto e indireto livre – quando o narrador incorpora os pontos de vista presentes nas fontes, ou supostamente a racionalidade dos agentes históricos –, a narrativa torna-se mais viva e compreen-

siva:

[...] Mas quando se teve de atacar as rochas matrizes, a situação mudou de figura. Nos seus afloramentos superficiais, e onde os *vieiros* eram contidos em rochas friáveis e sem consistência (*podres*, como se denominavam estas rochas semidecompostas), ainda era fácil trabalhar; o mesmo não se dá nas rochas sãs, cuja dureza – trata-se sempre de quartzos, pirites, itabiritos e outras rochas extremamente compactas – tornava-se obstáculo invencível à técnica rudimentar dos mineradores da colônia [nota]. Além disso, os *vieiros* se aprofundavam cada vez mais na terra.⁹

A explicitação do significado das palavras e expressões empregadas é um recurso sempre utilizado pelo autor e faz parte dessa tentativa de captar o “espírito”, de penetrar no universo em que as atitudes e ações dos indivíduos fazem sentido. Na passagem citada, ele chega por vezes a incorporar o ponto de vista dos contemporâneos. É esse, contudo, um recurso sutil, uma nuance, utilizada sem que se perca o fio da argumentação, ao mesmo tempo objetiva e íntima, na relação que estabelece com seu objeto e também com o leitor, a quem coloca em contato com os “fatos” estudados. Na linguagem coloquial que emprega (“a situação mudou de figura”), trata o objeto com familiaridade, o que suaviza a linguagem carregada de termos técnicos.

O autor explora, assim, o potencial de sugestividade de seu objeto, pelo emprego de certas expressões que reconstituem linhas de raciocínio compreensíveis apenas no contexto histórico reconstruído (“ainda era fácil trabalhar”). Isso, todavia, sem deixar de fazer o retorno a uma perspectiva mais distanciada, embora complementar do ponto de vista do conceito antropológico de cultura, com o qual também trabalha¹⁰, ao se



referir à “técnica rudimentar dos mineradores da colônia”.

Caio Prado incorpora o discurso das fontes, preservando a expressividade e a sugestividade do vocabulário de uma época. Era esse um recurso anteriormente utilizado por historiadores brasileiros como Capistrano de Abreu e José de Alcântara Machado, mas que decorre também de uma sugestão da geografia humana. Em Caio Prado Júnior, é interessante que isso se dê num plano em que se articula a relação direta entre passado e presente. Evocam-se, por vezes, palavras e modos de dizer e expressar do passado para surpreendê-los em sua estranha e criativa atualidade. Isso se revela quando o autor procura, no expressivo vocabulário regional, seus significados que, não raro, se preservaram até o presente.

No Brasil Colônia de Caio Prado Júnior, as temporalidades da vida humana estavam sujeitas, em parte, aos ditames da natureza e do espaço geográfico. E tais temporalidades se prolongam, também em parte, até o presente, marcando a paisagem percebida pelo viajante, evocada pelo historiador e colocada numa perspectiva que insere o leitor no drama das existências decorridas, drama esse que se faz ainda atual:

Ainda hoje, grande número de pessoas, nos antigos distritos mineradores de Minas Gerais e Goiás, sobretudo, vive exclusivamente desta atividade. Vão-se deslocando continuamente, fazendo tentativas aqui, encontrando algum sucesso acolá. Quem viaja por estes lugares, topa a cada passo com estes *faiscadores*, em grupos ou isolados, e que metidos nos rios ou revolvendo suas margens, fazem rodar as batéias na ânsia de uma miserável pepita que lhes garanta o pão daquele dia.¹¹

Desafios da compreensão

O uso do pronome demonstrativo *desta*, presente na citação anterior, explicita a subjetividade do viajante, sua *presença* no local e seu testemunho *real*. Delimita-se, assim, uma temporalidade complexa, na medida em que é evocada uma imagem não só de continuidade entre passado e presente, mas também de movimento constante, de instabilidade. Essa é uma característica básica do estilo de Caio Prado Júnior, de sua concepção de história, e um dos desafios de seu método – desafios deixados em aberto – para captar as especificidades. Como falar de resistências do passado se a história é essencialmente o vir-a-ser, e não-permanência? Como falar de persistências estruturais em relação ao que está sempre se desestruturando?

Na maior parte de *Formação do Brasil Contemporâneo*, o autor tenta fazê-lo evitando esquemas abstratos, buscando refletir *concretamente*, sem se afastar do dado empírico e do diálogo crítico com as fontes. Quando se refere, por exemplo, à causa pela qual a riqueza relativamente avultada que a indústria mineradora produzira deixando tão poucos vestígios, além da prodigiosa destruição de recursos naturais que semeou pelos distritos mineradores, Caio Prado Júnior constata que esse fenômeno

[...] ainda hoje fere a vista do observador; e também este aspecto geral de ruína que em princípio do século passado Saint-Hilaire notava consternado, e que não se apagou ainda de todo em nossos dias./ Chega-se assim, no alvorecer do séc. XIX, a um momento em que já se tinham esgotado praticamente todos estes depósitos de superfície na vasta área em que ocorreram [...].¹²

Além do uso dos pronomes demonstrativos, fica clara nessa passagem a identificação da sensibilidade do autor com a de Saint-Hilaire, no que busca certo efeito junto ao próprio leitor. Algumas expressões caras

a Caio Prado Júnior, presentes nesse trecho, são também elucidativas: “se apagou da memória”; “ainda hoje”; “alvorecer”; o “aspecto geral de ruína” que “não se apagou ainda de todo em nossos dias”. É a idéia de continuidade no tempo e no espaço, envolta na coloquialidade, que acaba se firmando num estilo descritivo, sensorial e, de certa forma, como observou Fernando Novais, repetitivo¹³. Se procurarmos a explicação do grande impacto de sua obra e sua recepção favorável pelo público leitor, parece-nos central o modo como Caio Prado Júnior estabeleceu os nexos entre a destruição ambiental, a reprodução da pobreza e o processo de colonização, numa linguagem a um só tempo objetiva, coloquial e, de certa forma, marcada pela busca de uma dimensão humana.

Mas, por outro lado, a identificação com autores como Saint-Hilaire, que constantemente se manifesta, traz também juízos de valor e certos preconceitos. Alguns textos inéditos de Caio Prado Júnior, como seu relato de viagem aos Países Baixos (1938) e a *Viagem a Ouro Preto*, fornecem-nos chaves para a compreensão desses aspectos. O aspecto da empatia desenvolvida na “pesquisa de campo”, em diálogo com outros testemunhos do passado, pode ser flagrado, por exemplo, na *Viagem a Ouro Preto*.

Nesse texto, o viajante, depois de descrever, com espírito etnológico, a procissão do Senhor Morto durante a Semana Santa, seus preparativos, sua organização, seu aspecto material, as formas culturais específicas que assumia e as pessoas que dela participavam, mostra também uma disposição interna reveladora de seu esforço de compreensão:

É interessante penetrar um pouco mais a fundo nesta cerimônia de uma procissão. Procurei fazê-lo, e enquanto a acompanhava concentrei toda a atenção de que era capaz para penetrar

no mecanismo psicológico que movimentava aquela gente vinda às vezes de tão longe para um ato que de conforto físico não tinha certamente nada [...].¹⁴

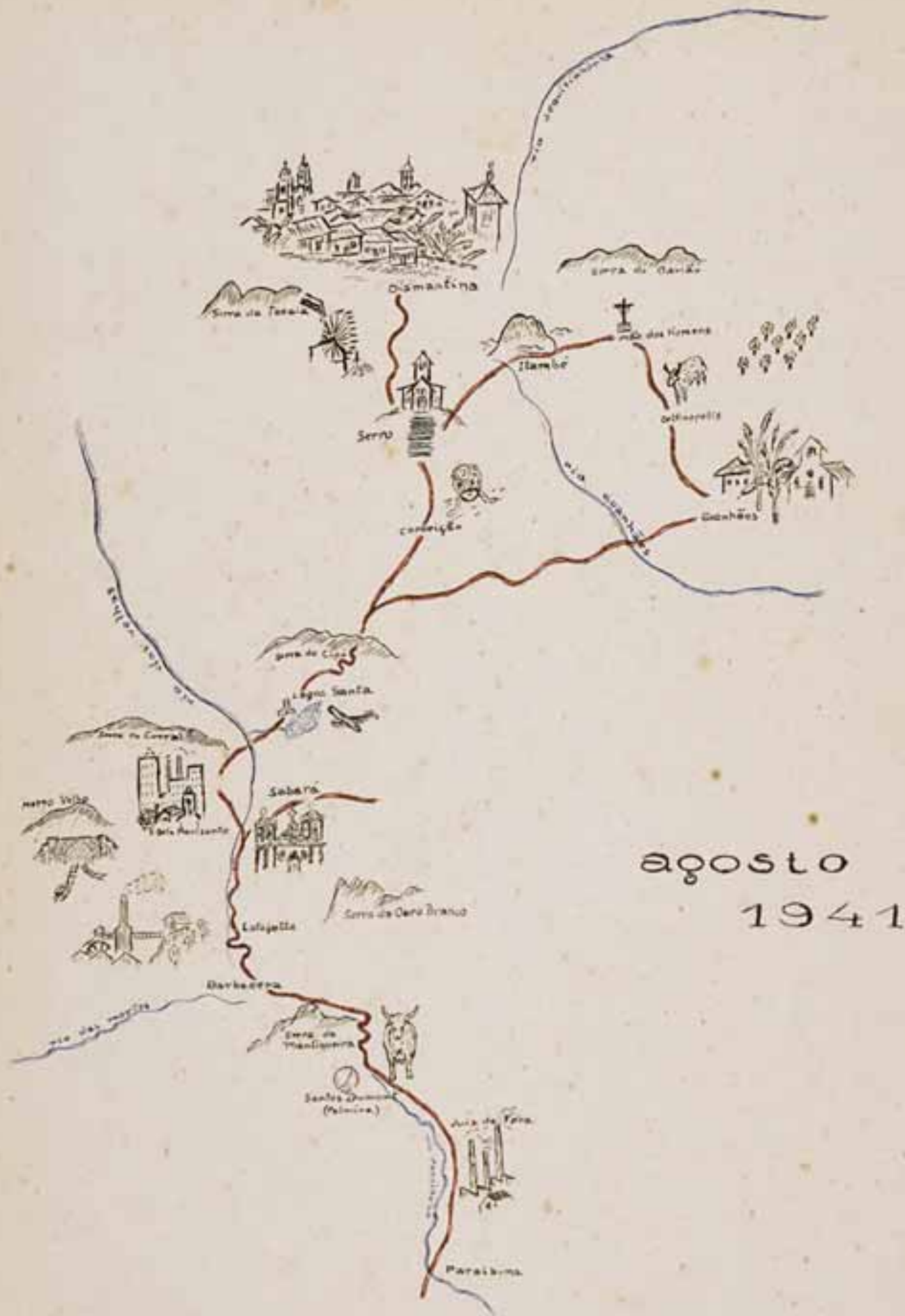
Nos relatos de viajantes e naturalistas e nas demais fontes clássicas para o estudo da história do Brasil, há certo viés interpretativo que, fiando-se em observações *de visu*, conversas e impressões, procura dar conta dos aspectos culturais e psicológicos do comportamento da população. Fiando-se também no esforço pessoal de penetração nos “mecanismos psicológicos”, Caio Prado Júnior, em seu manuscrito, afirma que na cerimônia da procissão do Senhor Morto havia “com certeza muito pouco” de devoção. Raros eram os semblantes que refletiam alguma penetração; a imensa maioria dos participantes, ou simples acompanhantes, “marchava distraidamente, conversando ou olhando em redor”.

O próprio personagem Abraão, que “pela sua estatura e posição central que ocupava e o pitoresco da cena que representava, aparecia como a figura culminante do desfile”, semelhava interessar-se muito mais pela impressão que causava, e

[...] talvez um tanto acanhado, disfarçava seu estado de espírito com largo sorriso que distribuiu para todos os lados em movimentos escandalosos do corpo, que nada tinham com o brandido do sabre que, como um autômato, baixava e levantava sobre a cabeça do pequeno Isaac.

Mesmo os irmãos das ordens, esquecendo a cada momento o papel que representavam, trocavam cumprimentos e palavras de saudação, às vezes comentários, com conhecidos que assistiam ao desfile.

[...] As tochas, os crucifixos, os estandartes oscilavam continuamente nas mãos fatigadas e



pouco respeitadas de seus portadores. A marcha era irregular, as filas se [ilegível] que sobre ele se estende, balançava perigosamente por efeito da falta de cadência e pouca atenção dos que o carregavam.¹⁵

Sem dúvida construindo uma versão do evento, o historiador observava que tudo isso dava ao cortejo um aspecto desordenado, o que forçava a paradas constantes para refazer a ordem. Por momentos tudo se confundia, povo e ordens, assistentes e participantes, e a procissão “parecia mais uma multidão desconexa arrastando-se a esmo”¹⁶. Como uma primeira conclusão, Caio Prado Júnior nota que a procissão parecia ser, antes de tudo, um espetáculo; o aparato que lhe procuravam dar mostrava “bem que esta circunstância não escapa aos mais avisados de seus iniciadores”. Em seguida, afirma que o segundo elemento da psicologia das procissões era o “automatismo da repetição”. E, no que concerne a esse último aspecto, arrisca uma interpretação que relaciona fatores tais como o “ambiente” ostentatório das igrejas barrocas e da paisagem urbana e a organização social e econômica da região. Repetia-se mecanicamente o que já havia sido feito desde tempos imemoriais. O espírito religioso viria em último lugar.

[...] e mesmo neste espírito, como haveria que analisá-lo quem pretendesse explicar seu conteúdo. Com que parte não entra para ele, nesta Minas tradicionalista (fiquemos aí sem generalizações que não caberiam aqui), cujo passado ainda vive tão intensamente em populações que, pode-se dizer, estacionaram no elemento tradicional, [a] religiosidade colonial; o ambiente que é determinado pela presença a cada momento e a cada passo deste lado exterior do culto: as igrejas e santuários inúmeros, os paços, as cruzes e tantos outros símbolos da

religião que enchem as cidades mineiras. Ouro Preto, com seus poucos milhares de habitantes, tem 18 igrejas; Mariana, que não terá mais de três ou quatro mil habitantes, conta com seis. O fator econômico terá tido também sua influência. Os poucos recursos de uma região estagnada, quando não decadente, fazem da carreira eclesiástica uma oportunidade avidamente procurada. A porcentagem de mineiros no clero brasileiro é considerável, e o maior seminário do país é de Mariana, donde vem a maioria dos padres brasileiros [...].¹⁷

As funções religiosas ou ligadas ao culto tinham um papel social proeminente em Minas e representavam uma ocupação muito importante. Ouro Preto contava dezenas de ordens leigas.

[...] O que quer dizer que uma parcela importante da população pertence a estas ordens, que em reuniões, tarefas ligadas à conservação dos templos e outros locais do culto, como os paços, organização de solenidades religiosas, algum trabalho social, tomam o tempo livre de seus membros. Em São João del-Rei encontrei o proprietário de um dos hotéis principais da cidade, e que era também tesoureiro da ordem do Carmo, na sua igreja, de mangas de camisa, atarefado com a arrumação e limpeza da sacristia. Por toda parte, nas visitas constantes que fazia às igrejas, vi destes exemplos: todo trabalho de guarda e conservação delas entregue a tais voluntários, pessoas muitas vezes de destaque social no lugar. Os padres nunca davam sinal de vida, a não ser por ocasião das solenidades religiosas. E se tive ocasião, em vezes inúmeras, de entrar em contato com aqueles servidores leigos da igreja, raríssimo foi me dada a oportunidade de encontrar um eclesiástico.¹⁸

Em conclusão, Caio Prado Júnior diz que

O papel social do culto religioso, social no sentido de representar uma ocupação da população, parece-me assim considerável em Minas. E não creio que o fundo disto, pelo menos na grande maioria dos casos, seja o espírito religioso propriamente, mas sobretudo um elemento que nada tem de místico e que é provocado pelo fato estabelecido, aceito e conservado que o culto tem um papel importante. E chego a esta conclusão porque sempre me pareceu que este culto exterior tem uma importância, e preocupa muito mais aquela gente que um sentimento religioso propriamente dito. Entre outros sinais disto, pude observar por exemplo que, enquanto nos momentos de solenidade o povo afluía em massa para assistir a ela, as igrejas permaneciam vazias, ou com raros crentes apenas todo o resto do tempo; e estávamos na Semana Santa, quando o sentimento religioso deveria estar no máximo de intensidade.¹⁹

Em leitura marxista – combinada a certo viés da sociologia durkheimiana –, que em parte repetia discursos do passado e estereótipos do presente, a conclusão acabava por relacionar o aspecto religioso a seu papel social e econômico. No entanto, lograva fazê-lo *de dentro*, passando pelas mediações específicas das diferentes instâncias da vida humana, e, em especial, as formas de agir, pensar e sentir. Nesse percurso, o autor dialogava com o que já havia lido em relatos de outros viajantes e naturalistas, o que evidencia, por um lado, o seu trabalho de preparação da viagem (que segue de perto os ensinamentos de Pierre Deffontaines), mas também expõe, por outro lado, os limites de seu enfoque calcado na “observação direta” e pessoal.²⁰

Contudo, foi precisamente aquele um dos principais procedimentos de Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo*, o qual conferiu à obra parte de sua força: a comparação de depoimentos da época com sua própria observação pessoal, não só no plano material, mas também no social e no psicológico.²¹

Geógrafo, etnólogo e escritor

Assim, o historiador preservou, de sua incursão pela geografia humana e pela etnologia, nos anos 1930, um determinado método de apreensão das relações entre o passado e o presente, de que era um dos componentes o esforço de empatia. Com efeito, um dos procedimentos adotados por antropólogos e geógrafos da época era o de, sempre que possível, comparar testemunhos do passado com a observação do presente. Esse aspecto torna-se tanto mais sugestivo quando lembramos que Caio Prado Júnior não só fazia incursões teóricas pela geografia e pela etnologia enquanto escrevia *Formação do Brasil Contemporâneo*, mas exercitava uma das formas clássicas do discurso dessas ciências: o relato de viagem. O próprio livro *Formação do Brasil Contemporâneo* parece ser, em determinados momentos, um desses exemplos, apoiando-se constantemente em viagens e relatos de viagem alheios ou do próprio autor.

Em sua escrita testemunhal, de quem “esteve lá”, na qual subjaz em certa medida aquilo que Derrida chamou de “metafísica da presença”²², destacam-se algumas características: a forma coloquial utilizada, como se o autor conversasse com o leitor, apresentando e explicando-lhe uma paisagem ou contexto social e econômico; a linguagem aparentemente descuidada; o anti-convencionalismo, que o aproxima não dos modernistas de 1922, mas daqueles dos anos 1930, já não mais interessados na ruptura sistemática das

normas do português “culto”; a inserção enquanto sujeito dentro do discurso (uso da primeira pessoa etc.); o caráter seco, descritivo (ainda que adjetivado), mas ao mesmo tempo profundamente interpretativo e emotivo; a abordagem da “materialidade”, daquilo que pode encontrar respaldo na visão e nas sensações; e a “heterogeneidade”.

Em relação a essa última característica, é bastante óbvio que, para Caio Prado Júnior, muito mais importantes que o estilo eram as inúmeras fronteiras do conhecimento que procurava desbravar. Submetida a esse propósito, a linguagem parece sair espontaneamente, vazando a experiência pessoal em todas as suas expressões (coloquial, descuidada, poética etc.) e deixando-se permear por uma multiplicidade de formas, que acompanham a elaboração metodológica do autor. Dentro dessa constelação, o estilo de Caio Prado Júnior pode ser abordado, por exemplo, pelo modo como se serve da “função poética”²³, ou seja, da sua capacidade de romper com a relação arbitrária entre significante e significado e de confundir as relações entre linguagem e referente. Veja-se, por exemplo, a passagem já citada da *Viagem a Ouro Preto*:

As tochas, os crucifixos, os estandartes oscilavam continuamente nas mãos fatigadas e pouco respeitosas de seus portadores. A marcha era irregular, as filas se [ilegível] que sobre ele se estende, balançava perigosamente por efeito da falta de cadência e pouca atenção dos que o carregavam. [Itálicos nossos]

Na escrita muito próxima da prosa poética, é oportuno destacar a repetição dos fonemas nasais ([n], [m]) e sibilantes [s]. Os nasais harmonizam-se com as palavras e enunciados em que prevalece a idéia de suavidade, doçura, delicadeza²⁴; mas o efeito prolongado provocado pela repetição dos fonemas sibilantes e a presença de um léxico que se refere à cadência e ao ritmo refor-

çam a observação da morosidade da procissão – um dos fatores que, como vimos, se relacionam à suposta falta de espírito religioso.

Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, a presença desses recursos persuasivos aponta não para um uso sofisticado e consciente da escrita, ao contrário do que ocorre com os historiadores do século XIX analisados por Peter Gay²⁵, mas sim para um certo “descuido”, para a abertura à experiência subjetiva, à sensibilidade pessoal e às impressões do viajante e do geógrafo. É nesse sentido que vemos, em meio à discussão de um tema de economia, o autor lançar mão, sutilmente, do uso expressivo, de forte evocação poética, dos fonemas construtivo lateral [l] e vibrante [r], como no seguinte trecho: “[...] A água também não falta, e ela corre, cristalina, em leitos de pedra [...]”.²⁶

Na passagem, temos a repetição do fonema construtivo lateral [l], dos fonemas vibrantes [R] e [r], bem como a combinação de fonemas oclusivos com vibrantes [cr], [dr]. O deslizar, o fluir e o rolar podem, com efeito, exprimir-se por esses fonemas,²⁷ o que demonstra o emprego, consciente ou não, de um recurso poético em *Formação do Brasil Contemporâneo*.

A dimensão humana

Essa característica tem um papel específico no pensamento de Caio Prado Júnior, na medida em que torna mais próximo o discurso histórico do concreto e do vivido, podendo ser vista ainda como uma forma de trazer à realidade estudada a “dimensão humana”. Não se trata, portanto, de um recurso “literário” artificialmente empregado. Comentando uma passagem de Vieira Couto, Caio Prado Júnior observava em nota que a Ásia, e particularmente a Turquia, “eram então nas ‘frases feitas’ daquele tempo, o padrão dos regimes despóticos, arbitrários e brutais”²⁸. Sua aversão à rigi-

dez conceitual, ao “estilo programado” e ao bacharelismo livresco está na raiz do modo como em seu discurso transborda a dimensão poética.

Por vezes, quando a própria sensibilidade de Caio Prado Júnior mostra empatia com a sensibilidade possível da época e sugere uma relação de continuidade, a função poética é explicitada. Da mesma forma, é frequentemente trazido à tona o significado que determinado “fato” tinha para a população da época colonial – o que também constitui uma porta de acesso para o conhecimento daquele universo peculiar, em sua incerteza ou indeterminação (racionalidade retrospectiva). Em seguida, o discurso toma outros rumos, sendo estabelecidas conexões, marcadas pelo cotejo de documentos, pelo aprofundamento de algum viés crítico, pela retomada do conceito do “sentido da colonização” etc.

Contudo, durante longas passagens da obra não raro se observa a ausência completa da “função poética”:

A área em que se tinha fixado a exploração de diamantes circundava o arraial do Tejuco, hoje cidade de Diamantina. Seus contornos tinham sido rigorosamente demarcados desde a criação da *Intendência dos diamantes*, órgão similar das Intendências do ouro, em 1734. Esta demarcação, ampliada cinco anos depois para abranger distritos vizinhos onde se tinham feito novas descobertas, vem descrita, com sua ampliação posterior, nas *Memórias do Distrito Diamantino*, de J. Felício dos Santos.²⁹

Conquanto não contenha o emprego da voz passiva sintética, índice máximo da construção da objetividade, percebe-se na passagem, além do caráter descritivo, a falta de adjetivos; a ausência das marcas de pessoa; e o emprego de locuções verbais (ter + particípio: *tinha fixado; tinham sido; tinham feito*) que ocultam o sujeito³⁰.

O modo aparentemente casual como Caio Prado utiliza recursos poéticos realça o aspecto da heterogeneidade de seu discurso e sua subordinação aos propósitos de elaboração metodológica. Com efeito, dentro de sua narrativa, alternam-se maneiras e presenças. No segundo e no terceiro segmentos do trecho que citamos abaixo, é o *ritmo* do discurso que parece trazer à tona a dimensão poética – a qual, contudo, desaparece no segmento final:

[1] Em maior ou menor proporção, a faíscação sempre existiu na indústria aurífera da colônia. [2] Quando o ouro se concentra nas próprias areias do rio, ou mesmo no cascalho, não sendo o rio muito volumoso, casos em que se dispensa trazer de grandes distâncias a água empregada na lavagem, ou desviar o curso; [3] e quando o teor do metal é muito baixo para pagar instalações de vulto ou mão-de-obra numerosa, [4] o trabalho do faiscador é tão produtivo como o da lavra, e a extração não paga aparelhamentos dispendiosos [...].³¹

A extensão do período iniciado em [2], o longo encaideamento das orações subordinadas adverbiais temporais ([2] e [3]), tudo faz indicar a sinuosidade de um rio e o próprio cotidiano do trabalho, para depois apagar-se numa consideração sobre a produtividade, na oração principal [4]. Essa alternância, que caracteriza *Formação do Brasil Contemporâneo*, imita de certa forma o drama de uma colonização predatória determinante, que só a linguagem mais prosaica, pedestre ou sombria poderia expressar. Por outro lado, reproduz a presença da função poética, na medida em que pressupõe uma aproximação com o “real” (ou “efeito de real”) do ponto de vista da experiência sensível, do contato direto com a paisagem (no caso em questão), ou uma forma de sociabilidade. O abandono da função poética, por sua vez, pode ser lido como a libertação momentânea de um universo perce-

Rio do Peixe



Igreja em ruínas



observar a guarnição exterior das casas, de taboas, utilizada em quase todas as construções do povoado.



fazenda na estrada entre Rio do Peixe e o Sero

bido como opressivo, em oposição ao qual é construída a perspectiva crítica (na passagem acima, ligada ao enfoque centrado no rendimento do processo produtivo, o qual, como observamos, do ponto de vista lingüístico, integra a oração principal).

No trecho citado, Caio Prado Júnior abre uma nota em que explica que se chamava cascalho, “nos distritos mineradores, a camada de seixos mais ou menos aglomerados subjacente à areia e materiais móveis da superfície”. Logo em seguida, e antes de comentar que era no cascalho que se achava a maior parte do ouro, acrescenta uma informação que, entre outros significados possíveis dentro do texto, figura o de trazer de volta à expressividade da linguagem da época, reforçando a inserção do leitor no universo sensível de pedras, leitos de rios e pernas metidas na água: “Quando o cascalho se apresenta em conglomerado compacto e perfeitamente cimentado, diz-se que está ‘gelado’”³². Com efeito, a passagem traz à tona a dimensão poética do capítulo, capaz de inserir o leitor no universo da mineração colonial.

O “sentido” da colonização

É certo que, em sua elaboração metodológica, Caio Prado Júnior busca servir-se de outros recursos e desenvolve um viés crítico de sua experiência pessoal, preocupando-se em construir uma *totalidade expressiva* do passado³³. Para isso, tece sínteses parciais – de acordo com os contextos e regiões específicas que abordava –, explicitando suas principais conclusões de um ponto de vista comparativo e exemplificativo, já que as “grandes linhas” não só ganhavam em nitidez, se contrastadas com diferenças e apoiadas em pormenores concretos rigorosamente documentados, mas também dependiam do aprofundamento da análise dos contextos regionais. Assim, Caio Prado Júnior retoma sempre

a sua categoria inicial, a do “sentido da colonização”, a qual vai se enriquecendo, “ao mesmo tempo que ilumina novos setores da realidade [...]”.³⁴

Por outro lado, Caio Prado Júnior adota no livro um “tom” particularmente negativo, em íntima conexão com o panorama extremamente sombrio que traça da vida social e econômica da região mineradora, onde a destruição, a ignorância, a cobiça etc. eram características intrínsecas e articuladas no plano geral com o “sentido da colonização”. Aborda o drama da existência, em oposição a sua celebração, como ocorre, em grande parte das vezes, em Gilberto Freyre. O fato de tentar desvendar a sensibilidade da época – o que se reflete na descrição das paisagens e da psicologia coletiva – confere uma dimensão emocional adicional ao livro, o qual não deixa de estar permeado por uma inspiração parecida com a que Caio Prado Júnior evocou ao comentar o livro *L’Homme e la Montagne*, de Jules Blache, publicado por Pierre Deffontaines, na coleção *Geographie Humaine*, mantida nos anos 1930 pela editora Gallimard. O historiador adquiriu o livro em 1935.

Este livro é ciência e é poesia. Porque nenhuma poesia maior que a da vida do homem em contato direto com a natureza, lutando contra ela, defendendo-se, e ao mesmo tempo seu aliado. É o verdadeiro contato entre o ser humano, seu pensamento e ação, e o mundo natural. E não apenas o superficial, exterior, artificial do turista ou do paisagista. O autor soube transmitir esta emoção, tão profundamente bela, do homem confundido com o seu meio.³⁵

Transfigurada em *Formação do Brasil Contemporâneo* – já que a conexão cósmica do homem com seu meio aparece no livro sistematicamente frustrada pelo modo como se processara a colonização – o impacto de tal perspectiva foi enorme. F. Matthews, comentando o livro clássico *The Uprooted*, de Handlin, observou que

nele a penetração intelectual e o poder de emocionar foram fundidos, sendo esse um “clássico exemplo” do fato de que não é tão-somente a densidade ou a utilização precisa da documentação que tornam seminal um trabalho de erudição (*scholarship*), mas também seu poder emocional, a clareza de conceitualização e a “congruência” com as necessidades contemporâneas.³⁶ No caso de Caio Prado Júnior, somam-se à dimensão emocional – que certamente permeia os aspectos estilísticos já aqui abordados – outros recursos de interpelação, presentes, por exemplo, na forma de diálogo enquanto interação com o leitor.

O discurso e o sujeito

Outro aspecto de fundamental importância é a questão da construção e da presença do sujeito dentro do discurso; numa palavra, da *dêixis*³⁷. O estudo do assunto é capaz de iluminar, dentre outros, problemas cruciais como o modo de utilização das fontes pelo historiador e o diálogo que estabelece com elas. Desse prisma, há em *Formação do Brasil Contemporâneo* formas altamente complexas, em que o discurso do historiador dialoga e se mescla de maneira não usual às fontes utilizadas, por vezes com o emprego explícito ou implícito do “eu”, como no seguinte excerto:

Dispondo de condições naturais tão propícias e tão diversas das do sertão nordestino, a pecuária em Minas Gerais também adotará padrões diferentes (nota: Para pormenores, veja-se Saint-Hilaire, Voyage [...], I.cap.VI, que é a principal fonte de que me utilizo aqui.) [...] Mas a grande e maior diferença, porque daí resulta todo um sistema de criação inteiramente diverso, está num pequeno detalhe: o emprego de obras divi-sórias, tanto externas, dividindo a fazenda de suas vizinhas, como internas, separando-a em

partes distintas. Empregam-se cercas de pau-a-pique, que as matas abundantes fornecem em quantidade suficiente – ao contrário do Nordeste, onde a vegetação é pobre em espécies utilizáveis para este fim. Usam-se também “valos”; e ocasionalmente, muros de pedra, onde este material é abundante, o que também não é raro nestas serranias alcantiladas (nota: Assim, na região entre Lavras e São João del-Rei, em terreno muito pedregoso, vêem-se até hoje muros que se estendem a perder de vista, por quilômetros e quilômetros). Esta providência de cercar propriedades e pastos, impraticável no Norte, tem uma influência considerável; ela reduz de muito a necessidade de vigilância do gado contra extravios, e permite aproveitar melhor o trabalho em outros serviços. A fiscalização se torna naturalmente estreita, dispensando grandes esforços; e se faz diuturna, continuada, na defesa dos animais contra pragas e inimigos naturais. Em conseqüência, também, não se conhece aí este gado semi-selvagem do sertão, difícil de domar e conduzir, e que lá empresta à pecuária este caráter épico, admirável nos seus efeitos dramáticos, tão bem pintados por Euclides da Cunha, mas deplorável no terreno prosaico da economia.³⁸

Nesta passagem, ressaltaremos apenas um ângulo para análise, qual seja, a forma como o narrador entra progressiva e sutilmente em seu discurso. Com efeito, o historiador, que inicialmente menciona de forma conscienciosa, na primeira pessoa e no tempo presente, a fonte em que se baseia (“Saint-Hilaire [...] é a principal fonte de que me utilizo aqui”), insere-se aos poucos na narrativa: o uso do tempo verbal presente e dos pronomes demonstrativos, paralelamente à descrição de pormenores concretos que acen-tuam o caráter visual do texto, torna-se aos poucos ambíguo e assume o significado de índice da presença

de um sujeito que contamina o discurso. A introdução desse elemento dúbio é feita pela segunda nota de rodapé, em que surge uma primeira pessoa com a função³⁹ de informar ao leitor que a matéria tratada foi acompanhada pessoalmente, *de visu*, pelo próprio historiador. Este se caracteriza, assim, como um observador atento à presença do passado dentro da realidade de “hoje”.

A partir daí, o narrador quase se apropria de uma forma de “discurso livre indireto”⁴⁰, posto que parece participar ou ter participado da experiência histórica que descreve, a saber, a diuturna fiscalização do gado. E desvincula-se totalmente de Saint-Hilaire nas últimas linhas, quando, mais uma vez, “entra” enquanto sujeito da primeira pessoa no assunto que aborda. Se, de um lado, subentende-se que a criação característica do gado sertanejo produz de fato efeitos dramáticos, que podem ser “pintados” pela linguagem expressiva de um escritor que também “esteve lá”⁴¹, de outro, esse reconhecimento é flexibilizado pelo resgate da perspectiva não de um observador que, na opinião do narrador, é externo e meramente livresco, mas sim daquele que penetrou no íntimo desse drama, daquele que se inseriu ainda mais concretamente na situação que descreve e que nela descobriu o “terreno prosaico da economia”; ou seja, o mundo da sobrevivência cotidiana da população local acompanhado *in loco* pelo historiador/geógrafo.

É importante destacar que, nessa diferenciação auto-legitimadora, o autor parece admitir a existência de um “caráter épico” – o qual está ausente da carta que escreveu em 26 de abril de 1960 à Casa Euclideana:

[...] Esse desaponto deu lugar mais tarde, depois de novas leituras dos *Sertões*, e de outras e repetidas viagens pelos sertões reais, à conclusão de que efetivamente o grande literato

e primoroso estilista que foi Euclides da Cunha, se imprimira muito mais nos *Sertões*, que o observador e analista social.⁴²

Vemos, assim, que o estudo do problema da *dêixis* sob a superfície do texto pode resgatar temas relevantes para a compreensão da obra de Caio Prado Júnior e de seu papel na historiografia brasileira. Naturalmente, nosso trabalho apenas sugere a importância de uma investigação das formas de inserção do sujeito no discurso, dentre as quais se pode contar o modo como aparecem, nos textos de Caio Prado Júnior, os pronomes pessoais, em determinados momentos; os chamados “índices de ostensão”, como o pronome demonstrativo *este*, os advérbios *aqui*, *lá*, *acolá* etc., que implicam um gesto de designação do objeto, ao mesmo tempo em que é pronunciada a instância do termo; ou ainda os tempos verbais⁴³. Veja-se, a propósito, além dos exemplos já citados, a emblemática primeira nota de rodapé do livro, constante de sua Introdução:

Pessoalmente, só *compreendi* perfeitamente as descrições que Eschwege, Mawe e outros fazem da mineração em Minas Gerais depois que *lá estive e examinei de visu* os processos empregados e que continuam, na quase totalidade dos casos, exatamente os mesmos. Uma viagem pelo Brasil é muitas vezes, como *nesta* e tantas outras instâncias, uma incursão pela história de um século e mais para trás. *Disse-me* certa vez um professor estrangeiro que invejava os historiadores brasileiros que podiam assistir pessoalmente às cenas mais vivas do seu passado.⁴⁴

Mas voltemos à passagem citada anteriormente. Nela, Caio Prado Júnior parece que procura “entrar” no pensamento de uma época, no comportamento e na psicologia de uma coletividade. Assim, as formas lingüísticas que emprega – e o aparente descuido com sua inserção enquanto sujeito que define e

apaga constantemente os limites entre seu discurso e o do “outro” (as “fontes”, os agentes históricos estudados etc.), às vezes sobrepondo-se, às vezes marcando distinções nítidas – supostamente têm a ver com a construção de um jogo dialético entre a *empatia* e o distanciamento; entre a *compreensão* e a perspectiva crítica.

Certamente, para um entendimento mais acurado é forçoso incorporar outros níveis de análise⁴⁵. Nesse sentido, é preciso entender que a passagem citada faz parte de uma obra em que o narrador é simultaneamente o historiador, o geógrafo, o viajante, o intelectual marxista, o político preocupado com o presente e o intérprete que investiga permanências do passado colonial no Brasil de inícios da década de 1940, procurando vislumbrar possibilidades de superação. Este último aspecto é indubitavelmente central: é a incompletude do processo de formação da nacionalidade que o historiador entrevê a todo momento, quando localiza no presente o passado, quando se insere como sujeito dentro do discurso, lançando seu olhar e o do leitor para o mundo que os cerca.

Questões sobre a forma do diálogo

Ao considerarmos a diversidade que marcou a produção intelectual de Caio Prado Júnior, é fundamental ressaltar que uma característica comum a essa produção é a sua forma de *diálogo*,⁴⁶ visto colocar-se o historiador, geógrafo, político e teórico sempre metaforicamente presente, a falar, a argumentar com as fontes, com o pensamento brasileiro, com as correntes políticas e com o próprio público leitor. Isso se torna evidente no modo de trabalhar a vasta documentação, na busca do equilíbrio entre síntese e pormenores e em outros prismas de sua elaboração metodológica ligados ao apri-

moramento da dialética e sua adaptação tanto às especificidades do contexto estudado como ao público leitor. Por outro lado, a liberdade com que Caio Prado Júnior procede à colocação pronominal, a alta frequência do pronome relativo *que* em seus escritos e a presença de verbos elocutórios para a referência a assuntos já abordados insinuam um coloquialismo característico do diálogo, o qual parece ter reforçado o poder de interpelação de seu discurso. Aqui, sem dúvida, voltaria a ser fecunda uma análise formal mais detida.

Novamente, a colocação de um problema formal abre perspectivas para a interpretação da obra e nos remete para além dela mesma. Seria possível ver na predominância da estrutura dialógica nas obras de Caio Prado Júnior um posicionamento em relação às formas de sociabilidade características da vida intelectual e política brasileira? Poderíamos entender, desse ponto de vista, sua atuação como editor e publicista? Como se relacionaria essa forma dialógica ao contexto histórico que vai até os anos 1970, quando suas obras tiveram tremendo impacto? A forma se relacionava a sua concepção da “dialética do conhecimento”, e, por outro lado, à sua noção de “opinião pública” como esfera de debates?⁴⁷

Uma leitura que atente para a presença da forma do diálogo na linguagem empregada por Caio Prado Júnior remete a problemas pertinentes à compreensão de seu universo teórico e metodológico, que pode ser entrevisto, no que se refere a *Formação do Brasil Contemporâneo*, por exemplo, na multiplicidade de instâncias de evocação, assimilação e interpretação do dialogismo ou da dialética nos anos 1930. Em meados do decênio, o caráter dialógico do conhecimento estava sendo abordado, à luz das novas teorias e descobertas no terreno das “ciências naturais”, por diversos intelectuais e filósofos da



Nova Lima. Mina de Morro Velho e instalações da Standard Ray Mining Company Ltd. no primeiro plano.



Vista da entrada da mina de Morro Velho e transporte de minério.

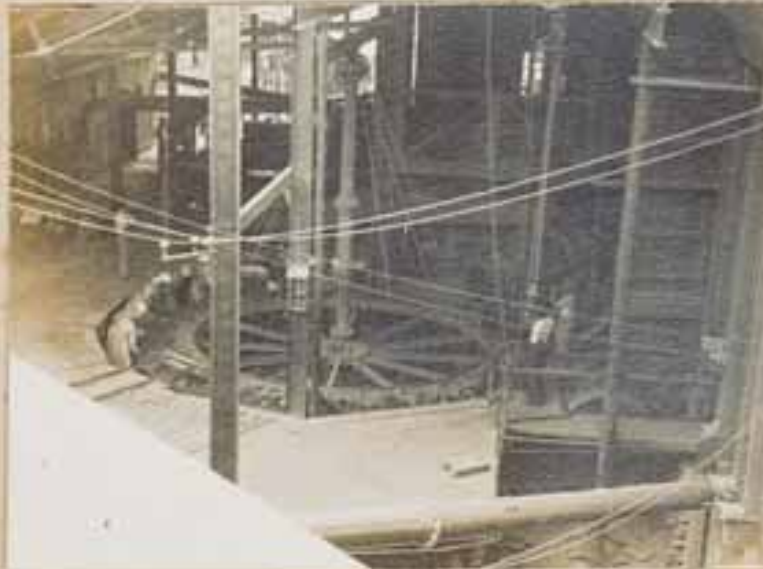


O minério de Morro Velho é transportado da mina por vagões.



O minério da mina do Espírito Santo chega por uma linha de cabos aéreos.

— O minério é britado, e nesta mesa giratória separam-se os fragmentos de chisto —



ciência⁴⁸. Isso se revela, por exemplo, na conferência que Jean Nogué pronunciou no Instituto Francês de Estocolmo, do qual era diretor, por ocasião de uma exposição de livros consagrados à física contemporânea.

A conferência foi publicada em março de 1939 – Caio Prado Júnior viajara pela Dinamarca e Suécia entre agosto e setembro de 1938. Evidentemente, sua análise extrapola os limites deste artigo. Vale a pena, porém, resumi-la, como pequeno exemplo do universo de questões que Caio Prado vivenciou. Em seu texto, Nogué argumentava que a necessidade do diálogo, “inerente à linguagem científica” e, na verdade, a toda linguagem, estava no vértice da revolução profunda que marcara na física moderna a aparição das teorias da relatividade. Essas estabeleciam a impossibilidade da existência de um observador não-situado, onisciente, capaz de perceber as coisas em sua “verdadeira sucessão” ou “verdadeira simultaneidade”. Contudo, contrariamente às conclusões céticas que podem disso decorrer, não perderíamos por isso a possibilidade de aspirar a uma verdade, pois essas teorias nos propiciariam justamente o meio de transportar nossas afirmações de tal forma que um observador de fora poderia reencontrar, em sua própria experiência, o conteúdo daquilo que fora observado. Assim, existiria uma possibilidade de verificação que distinguiria a relatividade científica daquela entendida como renúncia parcial à verdade⁴⁹.

O interno e o externo

Seria, portanto, na combinação de vários níveis de análise que poderíamos explorar questões como a do papel de cada uma das instâncias discursivas nas diferentes obras e opúsculos de Caio Prado Júnior; e as transformações que tais instâncias sofreram ao longo de sua biografia, marcada pela inserção na vida política e intelectual brasileira e internacional. Com efeito, o estilo

em *Formação do Brasil Contemporâneo* parece contrastar, em parte, com as formas de discurso assumidas pelo autor em outros trabalhos. Comparativamente, podemos observar o ritmo acelerado e menos denso de um livro didático como *História Econômica do Brasil*, em que temos uma simplificação no modo de abordagem das temporalidades e em que a proposta de síntese e de visão dialética da história resvala numa repetição excessiva da argumentação, sem a contrapartida da busca dos pormenores concretos e significativos.

Assim também o estilo ainda mais coloquial dos prefácios, conferências, cartas e panfletos políticos de Caio Prado Júnior, cada qual com suas especificidades; o discurso mais sereno, descritivo, mas nem por isso menos sugestivo, dos trabalhos geográficos sobre a cidade de São Paulo; o tom polêmico e ensaístico de *A Revolução Brasileira*, entre outros. Percebe-se então que a perspectiva de pensar as mediações entre o interno e o externo, entre forma, conteúdo e método, na obra de Caio Prado Júnior, possibilitará novas discussões de problemas como o das leituras que dela foram feitas, o de sua repercussão e relação com outros autores.

Notas |

* Este artigo desenvolve parte do terceiro capítulo de minha tese *Caio Prado Júnior, historiador e editor* (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, 2 v. Sua publicação na RAPM celebra o centenário de nascimento do autor de *Formação do Brasil Contemporâneo*. A pesquisa para o doutorado teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Agradeço a Juliana Massoni Pereira pela leitura atenta e pela ajuda nos ensaios de análise estilística.

1. A íntegra da documentação do Acervo Caio Prado Júnior encontra-se disponível para consulta livre no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (av. Prof. Mello Moraes, trav. 8, 140, Cidade Universitária, São Paulo-SP). Horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, de 9h às 17h. <http://www.ieb.usp.br> e arquiieb@usp.br. Alguns trabalhos que estudam ou disponibilizam esse material são: IUMATTI, P. O percurso para o sentido da colonização e a dinâmica da historiografia brasileira nas primeiras décadas do século XX. In: ANDRADE, Manoel Correia de; CISNEYROS, Maria Cecília. (Org.). *Redescobrimos o Brasil*. Recife: M.C. de Andrade, 2006, v. 1, p. 9-81; IUMATTI, P. *Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, no prelo; IUMATTI, P.; HEIDEMANN, H.-D.; SEA-

BRA, M. (Org.). *Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo: Edusp, no prelo.

2. PRADO JÚNIOR, C. *Viagem a Ouro Preto*. Março de 1940. Arquivo Caio Prado Jr., IEB-USP. Ms. Caderno n. 6, Cx. 1, p. 3.

3. PRADO JÚNIOR, C. *Viagem a Diamantina*. Agosto de 1941. Arquivo Caio Prado Jr., IEB-USP. Ms. Caderno n. 6, Cx. 1, p. 60-61.

4. *Ibidem*, p. 51.

5. D'INCAO, M. A. (Org.). *História e Ideal*: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: Editora da Unesp/Brasiliense, 1989. 508p.

6. DEFFONTAINES, P. *Petit guide du voyageur actif*. 2. ed. 1937. [s.l.]: [s.n.], 1943.

7. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Impasses do inorgânico. In: D'INCAO, M. A. (Org.). *História e ideal*: ensaios sobre Caio Prado Jr. São Paulo: Editora da Unesp/Brasiliense, 1989. p. 384.

8. “O estilo do historiador adere criteriosamente a esta inspiração básica que busca uma explicação descritiva da variedade das formações sociais da colônia. Existe a preocupação de descrever tensões, forças em movimentação no processo de suas contradições. Esta movimentação se expressa em temporalidades específicas, conjunturais [...]” DIAS. Impasses do inorgânico, p. 382.

9. PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Martins, 1942. p. 165.

10. PRADO JÚNIOR. Sociologia e Antropologia. Presídio do Paraíso, 09/05/36. Ms. Arquivo Caio Prado Jr., IEB-USP. Caderno n. 5: “Notas 1936”, Cx. 1, p. 1-40.

11. *Ibidem*, p. 166, nota 5.

12. PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*, p. 166.

13. “Certas características do discurso parecem expressar mais diretamente o percurso da vida, estabelecendo a ponte entre o autor e a obra [...] Ao se propor um intelectual orgânico do movimento operário, Caio Prado parece ter efetivamente tentado essa mutação. Daí a profundidade e onipresença da opção a marcar o conjunto da obra; a fidelidade e constância às idéias, que expressam escolhas existenciais; daí até o estilo repetitivo e insistente, a recorrência dos temas e argumentos, que caracterizam a escritura.”; “A cada capítulo, a categoria inicial e básica vai se enriquecendo, ao mesmo tempo que ilumina novos setores da realidade. Não se trata, portanto, na constante recorrência ao ponto inicial, de simples recursos de ênfase [...]” NOVAIS, F. Caio Prado Jr. na historiografia brasileira. In: MORAES, Reginaldo; ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera B. (Org.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 13; 16.

14. PRADO JÚNIOR. *Viagem a Ouro Preto*. Março de 1940. Ms. Arquivo Caio Prado Jr., IEB-USP. Caderno n. 6, Cx. 1, p. 43.

15. *Ibidem*, p. 43-44.

16. *Ibidem*, p. 44.

17. *Ibidem*, p. 46-47.

18. *Ibidem*, p. 44-48.

19. *Ibidem*, p.48-49.

20. DEFFONTAINES, P. *Petit guide du voyageur actif*. A propósito, um estudo dos anos 1930 mostra que os viajantes franceses que elaboraram relatos de suas estadas nos Países Baixos, na primeira metade do século XIX, pensaram reencontrar *na realidade* os modelos presentes nas pinturas flamengas ou holandesas. VAN DER TUIN, H. Voyageurs français aux Pays-Bas dans la première moitié du XIX^e siècle. *Revue des Sciences Humaines*, n. 3, p. 360-384, 1935; e n. 4, p. 55-74, 1936.

21. É neste sentido que, logo no começo do livro, diz o autor que, no plano das realizações humanas, havia se criado no Brasil “algo de novo”, que não era uma “expressão abstrata”, mas que se concretizava em todos os elementos que constituíam um organismo social completo e distinto: “[...] uma população bem diferenciada e caracterizada, até etnicamente, e habitando um determinado território; uma estrutura material particular, constituída na base de elementos próprios; uma organização social definida por relações específicas; finalmente, até uma consciência, mais precisamente uma certa ‘atitude’ mental coletiva particular [...]” PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*, p. 6.

22. “A essência formal do significado é a *presença*, e o privilégio de sua proximidade ao *logos* como *phoné* é o privilégio da presença.” DER-RIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1973, p. 22. Não decorre da referência que aceitemos todas as concepções do filósofo: “E assim ao infinito pois lemos, *no texto*, que o presente absoluto, a natureza, o que nomeiam as palavras de ‘mãe real’, etc., desde sempre se esquivaram, nunca existiram; que, o que abre o sentido e a linguagem é esta escritura como desapareição da presença natural.” *Ibidem*, p. 195.

23. “A Poética, no sentido mais lato da palavra, se ocupa da função poética não apenas na poesia, onde tal função se sobrepõe às outras funções da linguagem, mas também fora da poesia, quando alguma outra função se sobreponha à função poética.” JAKOBSON, R. Lingüística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 132. Sobre Jakobson, ver ATTRIDGE, Derek. Closing Statement: Linguistics and Poetics in Retrospect. In: WEBER, J. J. (Org.). *The Stylistics Reader*. London/New York/Sidney/ Auckland: Arnold, 1996, p. 36-53. Ver também as considerações de M. Bakhtin sobre a impossibilidade do princípio estruturalista da arbitrariedade do signo quando consideramos a enunciação concreta em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

24. MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística*. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: T.A Queiroz, 2000, p. 37. Agradeço a Juliana Massoni Pereira pela ajuda na análise da passagem.

25. GAY, P. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

26. PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*, p. 199, grifos nossos.

27. MARTINS. *Introdução à estilística*, p. 36. Agradeço a Juliana Massoni Pereira pela ajuda na análise da passagem.

28. *Ibidem*, p. 178.

29. *Ibidem*, p. 177.

30. Agradeço às observações de Juliana Massoni Pereira.

31. MARTINS. *Introdução à estilística*, p. 173-174.

32. *Idem*.

33. DIAS. Impasses do inorgânico, p. 377-405.

34. NOVAIS. Caio Prado Jr. na historiografia brasileira, p. 16.

35. Comentários de Caio Prado Júnior na folha de rosto da obra de BLA-

CHE, J. *L’Homme e la Montagne*. Paris, Gallimard, 1933. Biblioteca Caio Prado Júnior – Acervo IEB-USP.

36. MATTHEWS, F. Hansen’s Thesis. In: KIVISTO, P.; BLANCK, D. (Org.). *Studies and Commentaries on the Hansen Thesis after Fifty Years*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 1990. p. 176.

37. LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979. p. 94-123.

38. PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*, p.194-195.

39. O emprego desta expressão não implica a aceitação da visão estrutural-funcional de uma obra, representada em trabalhos como a “Introdução à Análise Estrutural da Narrativa”, de Roland Barthes. In: BARTHES, R. *et al. Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 19-60. Pelo contrário, temos a intenção de discutir formas alternativas a essa, a qual aborda, a nosso ver, as obras como totalidades excessivamente racionalizadas.

40. Sobre o discurso livre indireto ver BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981; e MARTINS. *Introdução à estilística*, p. 203-205.

41. GEERTZ, C. *Works and Lives – the anthropologist as author*. Cambridge: Polity Press, 1991. p. 1-48.

42. PRADO JÚNIOR. Carta a A. Padilha (Casa Euclideana). São Paulo, 26 abril 1960. Arquivo Pessoal Maria Odila Leite da Silva Dias.

43. BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976, p. 84-85; BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 25; Le Discours de l’histoire. In: BARTHES, R. *Le bruissement de la langue*. Paris: Éditions du Seuil, 1984, p. 153-181.

44. PRADO JÚNIOR. *Formação do Brasil contemporâneo*, p. 8, grifos nossos.

45. GAY. *O estilo na história*, p. 21-24.

46. Isto não apenas no sentido de que “Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. Cada inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante.” BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 98.

47. IUMATTI. *Diários políticos de Caio Prado Jr.*: 1945. São Paulo: Brasiliense, 1998.

48. GATTINARA, Enrico Castelli. *Les inquietitudes de la raison*: épistémologie et histoire em France dans l’entre-deux-guerres. Paris: Vrin, 1998; IUMATTI. Caio Prado Júnior e as ciências naturais: sua apreensão das transformações epistemológicas da virada do século XIX. *Estudos Sociedade e Agricultura* – Revista do Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da UFRRJ, Rio de Janeiro, n. 14, p. 103-128, abril de 2000.

49. NOGUÉ, J. La physique contemporaine et la philosophie. *Revue Bimensuelle des Cours et Conférences*, n. 7, p. 589, 15 de março de 1939.

Paulo Teixeira Iumatti é professor do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), na área de história. Em 2001, doutorou-se em História Social, pela USP. Realizou pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, ingressando em seu corpo docente em 2003. É professor de História das Idéias, das instituições e da historiografia, sendo autor de artigos publicados na imprensa e em revistas acadêmicas, bem como dos livros *Diários políticos de Caio Prado Jr.: 1945* (São Paulo: Brasiliense, 1998) e *Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual* (São Paulo: Brasiliense, no prelo). É editor da *Revista do IEB*.